

Teresa de Saldanha e Lacordaire

Introdução

1. Quem foi Teresa de Saldanha
2. Teresa de Saldanha *conheceu* e divulgou Lacordaire
3. Teresa foi em Portugal o que Lacordaire foi em França
4. Personalidades com afectos comuns
 - 4.1. Amor a Deus
 - 4.2. Amor à liberdade
 - 4.3. Amor à Ordem Dominicana
 - 4.3. Amor aos pobres
 - 4.4. Amor à pátria
 - 4.5. Amor à juventude

Conclusão

INTRODUÇÃO

Países diferentes: França e Portugal com características comuns. Nos dois velhos países cristãos europeus, em nome da liberdade, tinham sido extintas as Ordens e Congregações Religiosas. Reinava uma aguda hostilidade à Igreja...; os pobres encontravam-se entregues à sua sorte...

Perante circunstâncias comuns, um homem: Henri Marie Lacordaire (1802-1861) e uma mulher: Teresa de Saldanha (1837-1916), atentos aos sinais dos tempos, intuem respostas concretas para a solução de problemas semelhantes. Alimentam e concretizam o mesmo sonho: restaurar a Ordem Dominicana nos seus países por lhe reconhecerem características capazes de responder ao anseio de liberdade e verdade dos povos, e com as quais eles próprios também se identificam. Os dois católicos e liberais acreditam que o Evangelho é a maior fonte da liberdade e da verdade. Compreendem que a guerra estabelecida entre a liberdade e o cristianismo, entre a luz e a luz é absurda. A ânsia de fraternidade, igualdade e liberdade é evangélica. E a Ordem de São Domingos com o amor à verdade, à liberdade, à misericórdia, bem como a capacidade de se adaptar ao tempo e às circunstâncias, seria a resposta concreta para as exigências reivindicadas.

1. Quem foi Teresa de Saldanha

Teresa de Saldanha nasceu no dia 4 de Setembro de 1837, em Lisboa, de uma família nobre¹, liberal e católica, três anos depois da extinção as Ordens Religiosas de Portugal.

Cresceu num ambiente de fé esclarecida e de caridade comprometida. No contacto com a pobreza e ao pintar o *Ecce Homo*, sentiu o primeiro grande apelo ao seguimento radical de Jesus. Pertencendo a uma família muito ligada a São Domingos e à Ordem, manifesta a intenção de ingressar num Convento Dominicano em Stone, na Inglaterra.

A oposição formal do pai à sua partida abriu-lhe caminho à fundação de uma Congregação Religiosa para evangelizar o seu País e socorrer os pobres.

Apoiada pelos Dominicanos irlandeses do Convento do Corpo Santo, depois de muitas incompreensões e, sob o maior sigilo, Teresa vê efectivada a sua inspiração, ao enviar, em 1866, as duas primeiras vocacionadas para a Irlanda, fazer o Noviciado num Convento de Dominicanas contemplativas. Professam e regressam a Portugal em 1868. Estava fundada a primeira Congregação Religiosa Portuguesa, após a extinção das Ordens Religiosas em 1834: Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

As Irmãs, sob a orientação de Teresa, espalham-se por diversos locais do país, abrindo asilos, dispensários e escolas para crianças pobres; desenvolvendo acções de alfabetização e evangelização junto dos operários. Muitas das obras foram abertas nos seculares Conventos Dominicanos, para dar apoio às poucas e idosas monjas, ajudando-as a morrer com dignidade, e evitando que esses espaços fossem espoliados e profanados.

A fama do carisma de Teresa ultrapassa as fronteiras de Portugal. Assim, tornam-se membros da Congregação várias irlandesas, inglesas, francesas e alemãs, indianas, brasileiras. Mais tarde, também espanholas e americanas.

Com a implantação da República, em 1910, a maior parte das comunidades da Congregação foram compulsivamente fechadas e as Irmãs dispersas. As estrangeiras regressaram aos seus países e daí partiram em missão para outros espaços: Estados Unidos da América, Brasil, Bélgica, Espanha.

Impossibilitada de se acolher na casa da família, por motivos políticos, e de sair para o estrangeiro por causa do seu estado de saúde, a Madre Teresa vai residir com duas Irmãs numa pequena e humilde casa alugada, em Lisboa.

No dia 8 de Janeiro de 1916, com 78, intensamente vividos, a semear o bem, Teresa de Saldanha morre serenamente. Os seus restos mortais repousam no cemitério de Benfica, em Lisboa. Aí ocorrem numerosas pessoas a pedir e a agradecer graças obtidas por seu intermédio. O seu processo de canonização decorre em Roma.

Teresa de Saldanha não escreveu livros. Contudo, é imenso o seu espólio, constituído por escritos pessoais, de circunstância: orações, cartas, relatórios, etc. É aí que nos revela uma surpreendente atenção ao tempo e às circunstâncias fruto da reflexão intensa da Palavra de Deus de que brotava uma vida espiritual profunda.

2. Teresa de Saldanha *conheceu* e divulgou Lacordaire

1 Seus pais foram: João Maria do Sacramento de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa e Isabel Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, Terceiros Condes de Rio Maior.

Teresa de Saldanha tinha 24 anos quando Lacordaire faleceu a 21 de Novembro de 1861, e já conhecia a sua vida e a obra de restauração da Ordem em França. Vários factores contribuíram para esse conhecimento. Sua mãe, D. Isabel Maria de Sousa Botelho, viveu em Paris, para escapar às perseguições absolutistas de Portugal.

O pensamento liberal e social de Lacordaire é, pois, citado pela sua família, como podemos ler numa carta do irmão de Teresa, em 1859, numa referência directa ao caso das Irmãs da Caridade Francesas e às perseguições de que foram alvo, em Portugal, que as levou a abandonar o País em 1862: “Perseguir a irmã da Caridade, é perseguir a morte do pobre, é votar ao desprezo uma grande porção da humanidade, à custa das irmãs.”²

Em 1861 D. Isabel Maria escreve ao filho fazendo uma citação explícita de Lacordaire: “Morreu o Tocqueville, em seu lugar foi eleito o Padre Lacordaire (na Academia Francesa), que fez a sua entrada o outro dia com um magnífico discurso elogiando, como é costume, o seu predecessor.”³

Também a cunhada, Marquesa de Rio Maior⁴, encontrou-se em nas Termas de Ems com “Madame de Forbion, conhecida e amiga íntima, de Madame Swetchine, de Lacordaire, de Ravignan...⁵, várias com pessoas ligadas a Lacordaire e trouxe para a Teresa os livros de Besson e de Chocarne que acabavam de sair.”⁶

Perante as entusiásticas narrações da cunhada acerca do P. Lacordaire e dos Dominicanos em França, Teresa sente de imediato simpatia e interesse por este liberal católico que se fez Dominicano, como podemos ler em várias cartas em que lhe faz referências.⁷

Em 1867, Teresa de Saldanha foi a Paris à Exposição Internacional e visitou a Igreja *des Carmes*, tão conhecida na história da Revolução Francesa, e o primeiro convento dos Dominicanos restabelecidos por Lacordaire.⁸

Já a Congregação tinha nascido e prosperava em Portugal, quando em 1877, Teresa foi a Roma, participar nas festas de homenagem ao Papa Pio IX. Aproveitou a oportunidade para visitar o Convento de Santa Sabina e, nas cartas, comenta as suas recordações, fazendo alusão a Lacordaire:

“... acabada a Missa andámos por todo o convento (de Santa Sabina) que, infelizmente, está hoje deserto e apenas duas religiosas ali estão. Achei-me lá rodeada de recordações. Vi o quarto de Lacordaire, a cela pequena onde ele tanto meditou e escreveu!”⁹

Refere-se também ao florescimento da secular laranjeira plantada por São Domingos quando Lacordaire restaurou a Ordem em França:

2 Persécuter la soeur de Charité, c'est persécuter la mort du pauvre, c'est condamner aux gémonies, pour prix de ses souers, une grande portion de l'humanité” Carta de José de Saldanha Oliveira e Sousa a sua Mãe, Coimbra, 17.01.1859, AGC

3 Carta de D. Isabel Maria de Sousa Botelho a seu filho José, 1.02.1861, AGC

4 D. Isabel Maria da Anunciação de Lemos Roxas de Carvalho e Meneses Saint-Léger.

5 MARQUESA DE RIO MAIOR, Fundação da Ordem das Terceiras de S. Domingos, Lisboa 1987,...., *ibid.*, 49

6 In MARQUESA DE RIO MAIOR, *ibidem* p. 140, 141 “Até então, pouco sabia da Ordem... Foi Madame de Forbion que me deu a ler a vida do P. Besson, que então acabava de aparecer, que me fez admirar Lacordaire, venerar o P. Jandel, que me indicou conventos a visitar em Paris. Enfim, a Divina Providência fez-me encontrar uma pessoa que me podia ajudar em tudo o que eu desejava saber, para Teresa.”

7 Cf. Doc. 372, AGC

8 MARQUESA DE RIO MAIOR, Fundação da Ordem das Terceiras de S. Domingos, Lisboa 1987, p. 140, 141

9 SALDANHA, carta a sua cunhada Marquesa de Rio Maior, Roma, 7.6.1877, Doc. 5390, AGC

“Estive no jardim onde vi a famosa laranjeira plantada em 1260, no tempo de São Domingos, que rebentou de novo quando Lacordaire restabeleceu a Ordem e esta se reformou.”¹⁰

Alude ainda aos novos rebentos, sinal visível da restauração da Ordem em Portugal: “ontem mostraram-nos duas novas hastes que estão floridas e nos disseram era a fundação de Lisboa! Será assim....”¹¹ Assim foi!

Foi o grande amor à Ordem Dominicana que levou Teresa de Saldanha a ler e a divulgar a vida de Lacordaire.

Divulga-o entre as suas amigas para que o exemplo de Lacordaire as contagiasse dispondo-as a engrossar a fileira das que querem seguir Jesus na Congregação Dominicana, que está a fundar.¹²

Divulga-o junto de alguns Padres do Norte do País, com quem tratava de uma fundação em Vila do Conde e a quem emprestou as biografias de Besson e Chocarne.

Pela leitura de algumas cartas escritas por um desses sacerdotes, o Padre José Ferreira Marnôco e Sousa, Abade de Sousela, a Teresa, podemos concluir que ela os convidara a tomar parte na restauração da Ordem, em Portugal.

“Ontem à noite devorei aqui e além os dois volumes da vida íntima e religiosa do Padre Lacordaire. Li até às três horas da manhã de hoje... Eu sou muitíssimo grato a V. Ex.cia e à Ex.ma Senhora Condessa [...].¹³

O mesmo sacerdote tece depois os seus comentários, desejando realizar em Portugal, o que Lacordaire fizera em França:

“São 10 horas da manhã e largo outra vez de ler o capítulo 19 que trata da fundação da Terceira Ordem, dedicada ao ensino no colégio d’Oullins. Acho tudo tão lindo e tão santo!... Se o Bom Jesus suscitasse alguma alma elevada e santa para fazer o mesmo em Portugal!

Deus Nosso Senhor levou o P. Lacordaire por este caminho. Como simples Padre fundou, com Montalembert,¹⁴ a escola livre; mas como religioso restaurou a 1ª Ordem, cuidando que com ela só podia satisfazer aos dois fins, em união estreitíssima e na mesma regra; mas por último reconheceu que o magistério requeria regra mais longa e mais flexível, e veio a 3ª Ordem. No entanto a 1ª lá ministrava os homens; embora saídos da 1ª encontrassem na 3ª larguras próprias desta.”¹⁵

Pelo que se segue nesta carta, deduz-se que Teresa tinha convidado os Padres de Póvoa de Varzim e Vila do Conde para tomarem parte numa fundação de Terceiros Dominicanos, dedicados à educação da juventude:

“Nosso Senhor me ajude e eu o farei, mas peço muito a V. Ex.cia que não confie em mim, e recorra a Jesus primeiro, e depois de pensar e orar, escreverei mais sentimentos, e só rogo a Nosso Senhor

10 *Ibidem*

11 *Ibidem*

12 Cf. SALDANHA, carta ao P. Patrício Russell, Doc.463, AGC

13 Padre José Ferreira Marnôco e Sousa, carta a Teresa de Saldanha, AGC, (14.11.1873) Doc. 6728

14 Cf. CHOCARNE, *Vie intime de Lacordaire*, II, Paris, 1886, «Le P. Le P. Lacordaire ne tarde pas à s'apercevoir que sa première idée d'appliquer les Frères Prêcheurs indistinctement à l'éducation ou à la prédication était irréalisable. [...] Il dut donc se résoudre à créer une branche nouvelle avec la règle plus large et plus souple du Tiers Ordre. Le collège d'Oullins lui fournit le première application. [...] L'institution d'Oullins fut donc créée dans une pensée à la fois chrétienne et libérale.(p.238) [...] Le 10 d'octobre, fête de Saint Louis Bertrand, il voulut consacrer par une grande cérémonie religieuse la date mémorable de l'inauguration du Tiers ordre enseignant. [...] Le Tiers Ordre enseignant était une innovation dans la famille dominicaine (243)

15 SOUSA, José Ferreira Marnôco, carta a Teresa de Saldanha, AGC, Doc. 6728

que estes sejam completamente realizados pelas vistas da sua acção providencial. Esta 3ª Ordem é inteiramente nova, e eu a ignorava. Nada me tinha dado notícias desta, devo esta grande revelação à muita bondade de V. Ex.cia. Jesus lhe pague.”¹⁶

A resolução será tomada depois de muita oração e reflexão e da visita que programou a Lisboa, para se encontrar com D. Teresa:

“Chega-me agora o correio. Como Nosso Senhor é bom! Infinitamente bom. Não há palavras para agradecer a V. Ex.cia. Recebo mais três livros, com os dois de ontem, são 5 – recebo-os certificados também todos, que vou já enviar ao correio...”

Faz, de novo, uma alusão explícita aos Terceiros:

E os 3º dominicanos portugueses? Eu não sei, eu queria, e eu não devo ser o primeiro... Fizestes muito bem, muito bem em dizer-me este segredo; quem sabe se virá nortear a minha vida?! Se Nosso Senhor o permitiu?! Disse desde o princípio aos meus colegas trabalhamos nas fundações dominicanas para as senhoras a ver se Deus se lembra de nós... Quem sabe se a recompensa será esta? Se a entrada de V. Ex.cia me conseguisse de Deus esta graça? ¹⁷

Numa outra carta, o Padre Marnoco continua as suas considerações sobre a Ordem e o seu duplo apostolado:

“O P. Lacordaire, restaurador e Provincial de França da Ordem Dominicana, tentando que a restauração abrangesse os dois ramos – o apostolado da cadeira, nos templos, e o apostolado da cadeira, nos colégios, conheceu que este segundo era incompatível com o rigor e maior austeridade da 1ª Ordem, e criou ou restaurou a 3ª. Trago isto para dizer que julgo pensar bem crendo pelo que diz o P. Jandel e pelo que fez o Provincial Lacordaire, que a 3ª Ordem em mosteiros foi para abrir uma porta mais larga aos débeis e fracos, e para que as religiosas nos colégios não fossem sujeitas aos rigores, como as religiosas da 2ª Ordem.”¹⁸

Não conhecemos as cartas que Teresa de Saldanha escreveu sobre este assunto aos citados Padres. Contudo, temos nas suas “Datas memoráveis” anotado no dia 11 de Novembro de 1873: “Tive carta do Padre Marnoco. Escrevi-lhe e mandei-lhe a Vida do Lacordaire. Falei de se fundarem Terceiros de São Domingos.”¹⁹

No dia seguinte anota: “Foi a minha carta para o Padre Marnoco e dois volumes do Padre Besson e o Manual dos Terceiros.”²⁰

Além disso, pelas respostas do Arcipreste, deduz-se o convite que lhes faz para tomarem parte na restauração da Ordem Dominicana em Portugal, a exemplo de Lacordaire por quem ela manifesta grande admiração e afeição.

3. Teresa foi em Portugal o que Lacordaire foi em França

“Os carvalhos e os monges são eternos”

¹⁶ *Ibidem*

¹⁷ *Ibidem*, Doc. 6728, AGC

¹⁸ *Ibidem*, Doc. 6727, AGC

¹⁹ SALDANHA, Teresa, *Datas Memoráveis*, Doc. 7003, p.19, AGC

²⁰ *Ibidem*

Lacordaire ficou na História da Igreja como alguém que apostou na restauração de uma Ordem Religiosa medieval, mas criada à imagem da Igreja capaz de se adaptar aos novos tempos. Teresa de Saldanha, menos conhecida devido à sua condição de mulher, sem acesso a púlpitos, ficou na História como a restauradora da Vida Religiosa em Portugal, ao fundar a primeira Congregação Religiosa, após a extinção de 1834.

Teresa de Saldanha e Lacordaire oriundos de países diferentes movem-se em contextos sócio-políticos idênticos, respondendo de modo semelhante aos desafios que se lhes colocam.

Ambos enfrentaram enormes dificuldades, devido às políticas anticongregacionistas e de clara hostilidade à Igreja e às Ordens religiosas.

Em França, a Revolução de 1792 tinha declarado não reconhecer os votos religiosos de um ou outro sexo... Em consequência, as Congregações regulares tinham sido suprimidas. Por outro lado, o facto de Lacordaire ser liberal, a própria Igreja olhava-o com certa desconfiança, como ele próprio confessa: “Roma considera-me um liberal ortodoxo, mas um liberal e ela está acostumada a ver neles próprios inimigos.”

Lacordaire está certo de que a resposta aos desafios do seu tempo e do seu país passava pela restauração de uma Ordem Religiosa dedicada à Verdade através do ensino e da pregação. Depois de muitas orações e longo retiro Lacordaire conclui que “... o maior serviço que poderia prestar à cristandade, no tempo em que vivemos, era fazer alguma coisa para a ressurreição das Ordens Religiosas”.²¹

Muita gente não o entendeu. Consideravam a Ordem Dominicana medieval e, portanto, incapaz de responder aos desafios da época. Por outro lado, não bastariam os Jesuítas para evangelizar a França? E porque não criar uma Ordem nova, de raiz?

Aos obstáculos levantados, Lacordaire respondeu com a “Memória para o restabelecimento, em França, da Ordem dos Frades Pregadores”, onde explica ao país a sua determinação pela Ordem Dominicana, apresentando os serviços que ela prestou na Igreja e continuará a realizar ao cumprir a palavra de Jesus: “Ide e ensinai.”

De enormes dificuldades é tecido também o empreendimento levado a cabo por Teresa de Saldanha como ela própria refere:

“Quantos obstáculos a vencer da parte das autoridades e, depois, o espírito maligno da época actual, perseguindo por toda a parte a Igreja Católica. Barreiras insuperáveis se puseram diante de mim para me roubar toda a esperança.”²²

Em 1834, tinham sido extintas as Ordens Religiosas e em meados do séc. XIX, divulgavam-se, em Portugal, impressos de cariz anti-religioso e anticlerical. Textos de Lamennais (amigo de Lacordaire) eram conhecidos. Havia um clima anti-clerical, onde a ameaça das ordens religiosas (Irmãs da Caridade, Jesuítas, Lazaristas) pairava como fonte de “obscurantismo” e consequente revivescência do absolutismo,²³ e “falar de Congregações, era falar de ligações com o estrangeiro e com o Papa, coisa suspeita a muita gente nessa altura”²⁴

21 LACORDAIRE, Testamento.

22 *Ibidem.*, 117.

23 Cf. MATTOSO José, História de Portugal – O Liberalismo, Ed. Estampa, 225.

24 CLEMENTE, Manuel Prefácio à obra de Thiaucourt, Maria Rosa, Madre Teresa de Saldanha, vida e obra, Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Lisboa 1987 2 XII.

Existiam vestígios, quer de regalismo, quer de ultramontanismo. Estava ainda muito viva, na memória de todos, a questão das Irmãs da Caridade, expulsas de Portugal, em 1862, precisamente por serem estrangeiras.

Neste contexto, nem os bispos nem o próprio Nuncio lhe davam muita esperança: “Projectos! Quantos aqui me têm vindo, mas sem nenhum ir avante!”²⁵

Como Lacordaire, que se assustava com o voto de obediência também Teresa sentia receios em relação à sua vocação: “Estava já desenvolvido o desejo ardente de ser religiosa e que ao princípio tanto me custou a confessar a mim mesma que era verdadeiro, pois assustava-me a ideia de o ter.”²⁶

O conhecimento que Teresa de Saldanha tem da obra do Padre Lacordaire é, de certo modo, um incentivo a prosseguir como podemos ler numa carta a sua cunhada, Marquesa de Rio Maior, em que faz a analogia:

“Tenho lido o Lacordaire e muito gosto. Mas, que impressão, parece-me que se está passando o mesmo que naquele tempo se passava em França. Comentaremos isto juntas. O estabelecimento dos Jesuítas, o que já faziam, as leis tão opostas e depois, o que Lacordaire sentia: desejos e receios, isto que tão bem percebo. E o seu amor irresistível pela solidão. Cuidava ser essa a sua vocação e não era. Como eu percebo isto tudo.

Mas, tenho quase vergonha de dizer isto, receando que possa fazer supor me atrevo a pôr-me na altura de Lacordaire, tão cheio de talento, e tão superior!”²⁷

Refere-se às provações defrontadas pelo P. Lacordaire e às que, no futuro, poderão advir.

“Estou a ler agora a vida do Padre Besson, que acho muito interessante, e nela encontro uma grande analogia com a nossa obra. Ele foi um dos primeiros a juntar-se ao Padre Lacordaire e é curioso ver os obstáculos que tiveram no princípio, e as provações com a morte de alguns dos seus primeiros Noviços. Como sabe, esta provação pode vir. Mas que receios pelo futuro. Mas ele era senhor da sua vontade, podia-se dedicar!”²⁸

Contudo, sempre uma palavra de determinação: *En avant!*

A semelhança com o restaurador da Ordem em França teve, efectivamente, muita influência em Teresa de Saldanha: “Tem-me feito bastante impressão este livro sobretudo vendo os sentimentos que tinha Lacordaire, achando a necessidade de haver uma Ordem Religiosa.”²⁹

Como ele, para servir a Igreja com a força da verdade e da liberdade, Teresa de Saldanha sente a urgência de fazer ressurgir a vida religiosa, em Portugal, demonstrando que ela é um elemento fundamental de liberdade não só para a Igreja, mas também para a sociedade.

4. Afectos comuns às duas personalidades

4.1. Amor a Deus

25 THIAUCOURT, o. cit. 117

26 SALDANHA Teresa, Notas pessoais, Cf. M.R.THIAUCOURT, o.cit., 25.

27 SALDANHA T., Carta a sua cunhada, Marquesa de Rio Maior, Lisboa 28 de Junho de (1866) AGC, Doc. 6357.

28 SALDANHA T., Carta ao P. Patrício Russell, 12 de Agosto de 1866, AGC, Doc. 49, Doc. 50.

29 SALDANHA T, Carta a sua cunhada, Marquesa de Rio Maior, Lisboa 28 de Junho de (1866) AGC. Doc. 6357.

Ambos experimentam um grande amor por Deus e pensam retirar-se para um convento de clausura para aí, na solidão e no silêncio, se entregarem à oração e à contemplação. A vida escondida em Deus com Jesus atraía fortemente Lacordaire.³⁰

Teresa tem como lema de vida: “Deus acima de tudo” e o traço mais significativo da sua espiritualidade é a busca de Deus e o desejo de realizar a Sua Vontade. Para melhor viver esse amor renuncia ao casamento e entrega-se-lhe totalmente. E, tal como Lacordaire, nalgum momento pensa na vida contemplativa, como escreve: “Desejando, suspirando ardentemente por Ele. E, em tais ocasiões eu estaria inclinada a fugir e esconder-me do mundo. E, todavia, não é para esta vida de contemplação que Jesus me chama. Ele quer que eu fique a trabalhar entre as criaturas.”³¹ Numa outra ocasião, faz a seguinte confrontação: “... o que Lacordaire sentia: desejos e receios, isto que tão bem percebo. E o seu amor irresistível pela solidão. Cuidava ser essa a sua vocação e não era. Como eu percebo isto tudo.”³²

Os dois, porém, entenderam que a sociedade em que viviam, carregada de desafios, de problemas, de carências e de injustiças, exigia servir a Deus nas criaturas.

A vida contemplativa, no início do século XIX não era a prioridade, agora, era um dever viver directamente para o próximo. A fé não podia ser vivida à margem dos problemas reais da sociedade. Por isso, ao restaurar a Ordem Dominicana fazem-no pela consciência de que assim respondiam aos desafios da época.

4.2. Amor à liberdade

Tanto Lacordaire como Teresa de Saldanha, dois carismáticos do século XIX, compreenderam e amaram o tempo que lhes foi dado viverem. Souberam extrair dele a sua novidade e descobrir o que tinha de mais humano e de mais evangélico: a paixão da liberdade... Sentiram e partilharam as aspirações profundas do seu país. Reclamaram a liberdade que a Igreja deixa aos seus filhos sobre o terreno político: liberdade de seguir a evolução do seu tempo quando não é inconciliável com a fé. Reconheceram a necessidade da religião para a sociedade e o recurso a Deus como origem da ordem social...

Lacordaire reconheceu a fé como a maior fonte da liberdade e procurou reconciliar fé e liberdade numa época em que se opunham, conjurar a Igreja a reivindicar e a respeitar a segunda, na sociedade. “Entrando em S. Sulpice não abandonei as opiniões que são livres para todo o cristão. Eu permaneci liberal, tornando-me católico.” Para ele todas as liberdades são irmãs. Ele é um homem livre, de uma liberdade íntima na adesão crente.³³ E, embora respeitador das autoridades da Igreja, está muito longe do servilismo de tonalidade e da incondicionalidade que se estavam a tornar habituais no catolicismo integral e ultramontanista.

Lacordaire dirige-se à opinião pública fundamentando-se nos Direitos Humanos para restaurar a Ordem Dominicana em França.

30 VV.AA, *Cinquentenaire de Lacordaire*, Dijon, Roux-Marchet Ed, 1912,170

31 SALDANHA T., Cartas, AGC

32 SALDANHA T., Carta a sua cunhada, Marquesa de Rio Maior, Lisboa 28.6.(1866) AGC, Doc. 6357,

33 LACORDAIRE, *La liberté de la parole évangélique*, Cerf, p. 10.

Quando foi eleito para a Academia Francesa, proclamou no seu discurso: “Tocqueville foi no meio de vós o símbolo da liberdade magnificamente compreendida por um grande espírito. Eu serei, ousou dizê-lo, o símbolo da liberdade aceite e fortificada pela religião.”³⁴

Teresa de Saldanha, de igual modo, manifestou-se uma mulher livre que rema contra a corrente, contra os medos de uma Igreja que se encontrava aprisionada ao regime. Com lucidez, coragem, audácia e muita prudência, ergueu uma obra livre de todas as teias e demonstrou que a mulher é autónoma, independente e capaz de assumir a liderança de grupos humanos. Teresa revelou capacidade de governo, de autoridade, de organização e deu um grande passo para a emancipação da mulher. Tanto ela como as suas colaboradoras assumiram responsabilidades até então, atribuídas somente aos homens.

Teresa de Saldanha contribuiu para a emancipação da mulher em Portugal, proporcionando-lhe actividades profissionais e preparando a opinião pública para as ver intervir.

Não fez discursos políticos, a sua condição de mulher não lho permitiam. Contudo, é uma mulher lúcida, informada, com opinião própria e atenta ao que se passa nesse campo no seu País e no mundo. É o que podemos concluir pela leitura das suas cartas onde perpassa a sua voz e se lêem os seus gestos. Lembremos que a sua família era liberal e politicamente activa, desde o seu trisavô o Marquês de Pombal³⁵ (não muito liberal), o seu avô, o seu tio, Duque de Saldanha, o pai e os irmãos³⁶. Isso proporcionou-lhe uma grande abertura e sensibilidade aos problemas e projectos da nação.

Só alguém com a inteligência esclarecida podia declarar: “Quem é liberal não pode deixar de ser dominicano!”³⁷

4.3. Amor à Ordem Dominicana

A religião do nosso Pai S. Domingos
é muito larga, alegre e perfumada”

St^a Catarina de Sena ³⁸

Há na vida destes dois restauradores há uma hereditariedade Dominicana e uma sintonia pessoal com São Domingos de Gusmão e a sua Ordem. Ao acolherem a inspiração de restaurar a vida religiosa, sentem como que uma simpatia pelo espírito dominicano com o qual se identificam, pela sua característica alegria, abertura, liberdade, democracia, amor à verdade e ao estudo, vivência da fraternidade e compromisso apostólico. Enfim, uma Ordem no dizer do próprio Lacordaire “fundada à imagem da Igreja universal a fim de que se possa adaptar aos tempos e aos lugares.”³⁹

Ambos tiveram entre os seus antepassados membros da Ordem

34 LACORDAIRE, *Oeuvres*, VIII, cit in VV.AA, *Cinquantenaire de Lacordaire*, Dijon, Roux-Marchet Ed, 1912, p. 78.

35 Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1783) expulsou os Jesuítas de todo o território português.

36 Os dois foram deputados e pessoas muito intervenientes na sociedade. O António, 1º Marquês de Rio Maior, foi presidente da Câmara de Lisboa e Provedor da Santa Casa da Misericórdia, o José escreveu vários livros científicos.

37 SALDANHA T., Carta a sua cunhada, Marquesa de Rio Maior, Lisboa, 28.07 (1866) AGC, Doc. 6357.

38 C. de SENA, *O Diálogo*, Paulinas, S. Paulo 1984, 369.

39 Cf. THIAUCOURT, o. cit., 55.

Lacordaire teve uma parente religiosa Dominicana: “A recordação longínqua de uma venerável dominicana Soeur Marie Louise Lacordaire, dispersa após a revolução. Era prima de Lacordaire. Tinha-o educado e preparado para a 1ª comunhão... Quando ele pensou ser dominicano ela já tinha morrido há sete anos. Antes de ir para Roma foi visitar o mosteiro de Langres onde tinha vivido a sua tia.⁴⁰ Essa hereditariedade é como que uma marca que se torna comportamental.

De igual modo, Teresa de Saldanha teve um antepassado Dominicano, como explica em carta à sua cunhada: “... a devoção à Ordem Dominicana, motivo desta fundação, é hereditária em mim, e os meus antepassados já eram dominicanos.⁴¹

E noutra ocasião escreve:

“Pensava na Ordem de S. Domingos pela grande devoção que eu tenho para com este Santo, hereditária em mim, pela devoção que sempre houve na minha família paterna para com S. Domingos. Na capela de meus pais existia uma imagem muito milagrosa do nosso santo Patriarca. S. Vicente Ferrer é, além disso, o santo Padroeiro da minha família. Frei Luís de Sousa fala no meu antepassado avô, Diogo de Saldanha, que passou os últimos dias da sua vida no Convento da Ordem Dominicana, no ano de 1592. Escolheu o Convento de Santarém e professou, porque aquela família tinha particular devoção à Ordem de S. Domingos, que andava nela como por herança. Portanto, não se deve estranhar a minha devoção para com S. Domingos.”⁴²

Teresa de Saldanha vai começar algo novo a partir dessa Ordem secular que, com enorme força e novidade, surgia por vários países da Europa: a Ordem Terceira vocacionada, sobretudo, para o serviço da misericórdia. Começa algo novo, ciente de que o antigo estava mal conotado pelas suas ligações aos poderes absolutistas. É isso que revela em carta à Madre Imelda Magee, do Convento de Sena em Drogheda, Irlanda:

«A vida religiosa neste país, infelizmente, quase desapareceu; o que resta dos conventos está a morrer e quem sabe se isso não será, talvez, a Vontade de Deus que antes do último convento fechar, uma simples, humilde, escondida Congregação poderá surgir em Portugal das ruínas de uma vida religiosa decadente? Esta Ordem será escolhida por Deus para fazer grandes serviços em Portugal e espero confiadamente que esse dia venha depressa.»⁴³

Teresa crê que das antigas ruínas da Vida religiosa decadente, pode surgir algo que se imponha pela sua novidade, a Ordem Dominicana. Esse era também o desejo do Mestre Geral da Ordem, Padre Alexandre Jandel que, em 1863, tinha vindo a Lisboa deitar uma última absolvição aos restos da Ordem Dominicana Portuguesa, reduzida aos Conventos de Santa Joana, do Sacramento e do Salvador, em Lisboa, e de Santa Catarina, em Évora.⁴⁴

Efectivamente, a Ordem Dominicana muito próspera em Portugal, antes da extinção de 1834, com vinte conventos, via-se agora moribunda, pois os poucos conventos femininos de contemplativas estavam em agonia. À morte da última religiosa fechariam e o edifício, com todos os bens, entraria nos cofres do Estado.

40 NOBLE H.D., *Un Centenaire 1839-1939*, Le P. Lacordaire ressuscite en France l'Ordre de S. Dominique, Paris 1938, p. 19

41 SALDANHA T, Cartas, AGC, Doc. 6065

42 SALDANHA T., *Notas pessoais* AGC cf. M.R.THIAUCOURT, M.T.S..., *ibid.*,42.

43 SALDANHA T, Carta à Madre Maria Imelda Magee, AGC, Doc. 7492.

44 THIAUCOURT, *o. cit.*, 116.

Teresa conhece a situação dessas religiosas e das suas casas. Pensa que pode conjugar o seu desejo de fazer algum bem ao seu povo, com a vontade de restaurar a vida religiosa e a *salvação* desses conventos, evitando que fossem espoliados, profanados.

Nos seus escritos insiste na necessidade de começar de novo:

“Nessa época, ano de 1866, as Ordens Religiosas tanto de homens como de mulheres estavam extintas em Portugal, não se podia aproveitar coisa alguma, era necessário começar de novo.”⁴⁵
para se renovar completamente nas boas obras e no silêncio.”⁴⁶

Teresa, apesar de reconhecer que é um árduo empreendimento, dá início à obra:

“Depois de muitas devoções feitas com o fim de saber qual era a vontade de Deus, foi em Outubro de 1865 que se principiou a realizar uma empresa tão difícil, a da fundação em Portugal de uma Congregação de Irmãs Terceiras de S. Domingos.”⁴⁷

Importante neste empreendimento é o estímulo dos Dominicanos Irlandeses, primeiro o P. George Wiseman que conhecendo o estado do País e, reconhecendo as qualidades de Teresa, a anima a obter as licenças necessárias para estabelecer uma Congregação Dominicana, mais tarde o P. Patrick Russell que solícitamente acompanha todos os passos da fundação.

Estes dois dominicanos crêem que desta fundação poderá surgir o princípio da regeneração religiosa de Portugal.⁴⁸

Houve, pois, um conjunto de factores que foram determinantes para levar por diante o projecto de restauração da Ordem em Portugal:

- O estado em que se encontrava o País desde 1834
- A situação dos antigos conventos Dominicanos
- A sua vocação religiosa e a proibição de a seguir no estrangeiro.
- A devoção a São Domingos e a sua identificação com os princípios da Ordem.
- O conhecimento da obra do Padre Lacordaire
- O desejo do Padre Alexandre Jandel, Mestre Geral, de restaurar a Ordem em Portugal.
- O incentivo dado pelos Dominicanos Irlandeses.

A inteligibilidade e a afeição pela Ordem Dominicana levam-na a declarar: “Mas como admiro a nossa santa Ordem!”

Ao empreender o projecto de restauração da Ordem, Teresa de Saldanha revelou grande capacidade de liderança, de autoridade, de organização e deu um bom passo para a emancipação da mulher.

Fundou, organizou e dirigiu a Congregação que se destacou pelos grandes serviços à humanidade. Contactou diversas estruturas sociais, enfrentou muitos e arrojados desafios, que venceu com fortaleza e coragem. Não apenas ela, mas, muitas outras mulheres religiosas de vida apostólica que se distinguiram pela sua actividade profissional no campo da saúde, do ensino e da

45 SALDANHA T, *Notas pessoais*, AGC., cf. M.R.THIAUCOURT, o.cit., 26.

46 *Ibidem.*, 97.

47 SALDANHA T, *Notas pessoais*, M.R.THIAUCOURT, o.cit., 79.

48 Cf. THIAUCOURT, o.cit 38.

promoção integral da pessoa humana. Animadas de uma fé amadurecida na oração e no sacrifício, serviram incansavelmente, demonstrando competência, determinação e liberdade de acção.

Enquanto muitos eclesiásticos, em Portugal, se detiveram pusilânimes, as religiosas avançaram em muitas frentes, fizeram o que ninguém fazia, tanto em prol da promoção humana em geral, como da evangelização directa.

Teresa de Saldanha muito contribuiu para a *feminização do catolicismo*⁴⁹. Ela e as suas colaboradoras ensaiaram novas maneiras de ser mulher, de viver o cristianismo, numa sociedade habituada, como estava, a viver sob o domínio de homens, nas estruturas sociais e religiosas.

A sua obra evangelizadora é, mais tarde, reconhecida como atestam estas palavras do Bispo de Coimbra, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, em 1877: “Quando acabei de ler a carta com que V. Ex.^{cia} tanto e tanto me penhorou, não pude deixar de dizer para mim mesmo: bendito seja Deus, porque, nestes tempos tão difíceis, aparecem ainda estes exemplos tão proveitosos e consoladores para a religião e para a fé. Devem muito a V. Ex.^{cia} os ministros da religião.”⁵⁰

Ao restaurar a Ordem Dominicana, Teresa tem um objectivo pastoral, que se expressa num compromisso social, visto que “nenhuma das misérias espirituais ou temporais da humanidade resgatada escapa à solicitude, agora universal, da caridade Dominicana.”⁵¹ A sua obra contribuiu para a educação e instrução de muitos milhares de crianças e jovens, sobretudo a parte feminina.

A sua colaboração no restabelecimento da Ordem em Portugal não se limitou à fundação do ramo feminino. Incentivou e ajudou na formação do Padre Domingos Frutuoso para que fosse restaurado o ramo masculino. Além disso, entusiasmou outros sacerdotes para se ligarem à Ordem como Terceiros Dominicanos.

4.4. Amor aos pobres

Lacordaire conhece os princípios da Revolução Francesa: igualdade, liberdade e fraternidade, e reconhece a evidência histórica e social do cristianismo. Homem atento aos sofrimentos da humanidade, rapidamente compreende as necessidades suscitadas pela revolução económica e perfila-se entre os mais clarividentes e iniciadores da questão social. A maior parte dos católicos desinteressaram-se dessa questão. Desde a sua crise intelectual que demonstrou essas preocupações e foi do ponto de vista social que encarou o catolicismo, que lhe apareceu a verdade da religião, como confessa a um amigo: *Je suis arrivé à mēs croyances catholiques par mēs croyances sociales*.⁵²

Segundo M. Brunhes, ele é bem um precursor dos princípios da doutrina social da Igreja. Todos os apelos feitos acerca da condição dos trabalhadores na encíclica *Rerum Novarum* de 1891 se encontram nos discursos e escritos datados entre 1835 e 1848.⁵³

Aos que defendiam que a felicidade é da alma e não do corpo, Lacordaire afirma que o catolicismo não se desinteressa do problema da vida material e não desconhece que os meios

49 Cf. TURIN, *Femmes et religieuses* ..., *ibid.*, 146-157.

50 Cit. in: A.M. VIEIRA, *Teresa de Saldanha, singularidade...*, *ibid.*, 11.

51 THIAUCOURT, *o. cit.*, 57.

52 LACORDAIRE, *Lettre à Lorain*, 15.3.1824, cit. in VV.AA, *Cinquantenaire de Lacordaire*, Dijon, Roux-Marchet Ed, 1912, 55

53 Cf. M. BRUNES, *Lacordaire, interprète et inspirateur de son temps*, in VVAA, *Cinquantenaire de Lacordaire*, Dijon Roux-Marchet & C, Éditeurs, 1912.

económicos devem concorrer para a solução. O Evangelho não desprezou nada do que toca à pessoa: “Nós vemos com dor as aflições morais e corporais de tantos dos nossos irmãos que desempenham a parte mais dura do trabalho comum, parte tornada mais pesada ainda pelo desenvolvimento da indústria e da civilização. Cremos que há remédio para esses males e se o sofrimento foi imposto a todos os filhos do homem, a caridade unida à ciência pode aligeirar, ou mesmo eliminar este flagelo. A Igreja tem trabalhado para isso sem cessar.... O Evangelho pregou uma doutrina que operou na sociedade a mais inesperada e a mais desejável das revoluções.”⁵⁴

É numa das suas assembleias das Conferências de S. Vicente de Paulo que manifesta o significado teológico da pobreza:

“O pobre é um mistério. O pobre é um sacramento, que nos comunica a graça e nos dispõe para receber o fruto dos sacramentos propriamente ditos. Tal é o grande, o magnífico poder dos pobres. Se alguém pudesse viver matematicamente seguro da sua salvação, seria o cristão caritativo por quem se eleva cada dia a oração do pobre. Há que amar o pobre, porque na verdade é a Jesus Cristo a Quem amamos, oculto sob o sacramento do pobre. A Jesus Cristo a Quem não podemos ver na sua glória e que assim se entrega aos nossos abraços e à nossa ternura. Tendes olhos, olhai o pobre; tendes ouvidos, escutai o seu lamento; tendes boca, falai-lhe; tendes mãos, servi-o...; tendes pés, ide à sua morada; tendes coração amai-o.”⁵⁵

Teresa de Saldanha, pelo facto de ser mulher, não teve acesso ao púlpito para expor os princípios sociais. Contudo, tem um percurso social idêntico. Desde a infância, foi desperta para a compaixão e solidariedade ao acompanhar a mãe aos becos da cidade, onde pululavam as crianças famintas e descalças, os doentes pobres. Começou, então, a dedicar-se-lhe trabalhando para os proteger e promover. É sensível, sobretudo, à camada feminina da humanidade desde sempre ignorada, desprezada, marginalizada. E, nesta preocupação por educar, ensinar, alfabetizar, promover a mulher, foi pioneira, adiantou-se ao seu tempo.

Para minorar os efeitos da pobreza e intensificar e dilatar a sua acção social, concretizado em escolas, asilos, dispensários, Teresa de Saldanha funda duas instituições:

- A Associação Protectora das Meninas Pobres, em 1859 destinada a alfabetizar, instruir e educar, desenvolver, promover, socorrer as crianças e as suas famílias.
- A Congregação das Irmãs Dominicanas, em 1866, para dilatar e perpetuar a misericórdia.

Através delas põe em marcha uma série de iniciativas.

O desenvolvimento da indústria em Portugal, criou situações alarmantes, sobretudo às crianças e jovens que eram a mão de obra mais barata. Assumiam duros trabalhos, com baixas remunerações. Enquanto muita gente, mesmo da Igreja, olhava a desigualdade e exploração com indiferença ou normalidade, Teresa de Saldanha, mulher evangélica, atenta e audaz, ao conhecer a exploração de jovens operárias de uma fábrica, em Lisboa, contacta essa realidade. É patética a descrição que faz da condição desoladora das jovens: “vestidas de farrapos fazendo girar máquinas e com um ar de miséria e de cansaço incrível, parecendo algumas não terem mais de oito anos.”⁵⁶ Eram as mais débeis, as mais ameaçadas social, económica e espiritualmente naquela sociedade lisboeta. Cerca de duzentas raparigas dos doze aos vinte anos trabalhavam em fazer botões catorze horas por dia, dedicando-se somente a essa tarefa, sendo de uma ignorância

54 Cf. VV.AA, *Cinquentenaire de Lacordaire*, Dijon, Roux-Marchet Ed, 1912, 88

55 LACORDAIRE in G. FAUS, *Vicarios de Cristo*, Trotta, Valladolid 1991, 301-302.

56 THIAUCOURT, THIAUCOURT, o .cit., 128.

total.”⁵⁷ Sensibilizada pelo que vê, decide dialogar com os donos da fábrica e abrir uma aula nocturna, das oito às nove da noite para essas jovens: “Três vezes por semana, temos uma classe nocturna para operárias que trabalham numa fábrica e ao domingo têm instrução religiosa.”⁵⁸

Inédito nesta acção foi a sua abertura a jovens de ambos os sexos.

Esta mulher viu longe e viu bem. Sabia que a verdadeira libertação da pessoa humana se realiza através da abertura ao mundo da cultura, como o atesta Ozanam: “Não creiamos ter-nos reconciliado com o povo, enquanto não o tivermos ensinado a ler, a escrever e a calcular.”⁵⁹

Para fazer face a esses problemas, criou aulas de labor, onde se dava, simultaneamente, instrução literária, religiosa e formação profissional, o ensino das prendas femininas, de que mais tarde podem precisar.”⁶⁰ O relatório de 1861 atesta que esse foi o primeiro e único estabelecimento do género, em Lisboa.⁶¹ Era uma maneira prática de ajudar os pais, pois se lhes pagava o trabalho das filhas e convencia-os a deixarem-nas continuar os estudos:

Teresa de Saldanha, como Lacordaire vê o todo da pessoa: “Não há ânimo de instar com uma criança que estude, quando olhando para ela vê-se no seu exterior os sinais visíveis da miséria.”⁶² Por isso, preocupa-se em dar-lhe de comer, vestir e calçar: “A muitas das nossas alunas demos fato e a outras uma comida diária conforme a sua necessidade (...) também protegemos muitas das nossas pequenas nos seus domicílios por motivo de doença, e nas contas vereis, Senhoras, a quantia gasta com remédios e dietas. Apenas adocece uma das nossas alunas, a família manda avisar o Asilo, o nosso bom facultativo vai visitar a doente, e as mestras vão também, com frequência, levar-lhes alguns socorros, para ajuda do seu tratamento.”⁶³

A ternura e o amor são a marca distintiva das escolas e asilos das crianças pobres: “Procuramos, Senhoras, tratar a todas com a maior caridade e carinho e tornar o nosso Asilo querido e popular entre os pobres.”⁶⁴

É nos relatórios que apresenta anualmente à Assembleia Geral da APMP que aparece delineado o seu pensamento social que resume deste modo: “Quando mesmo tivéssemos fé ardentíssima, ainda assim se o amor de Deus, o desejo de suavizar os males do próximo, não animassem as nossas obras, estas ficariam mortas.”⁶⁵

Com audácia e criatividade, desenvolveu uma série de iniciativas de cariz social abrindo a mulher às luzes do saber e socorrendo os pezinhos descalços, os pequenos maltrapilhos das ruas e das mansardas, a miudagem sórdida, ignorante, vagabunda, faminta.”⁶⁶

57 Cf. *Ibidem.*, 127.

58 SALDANHA, Cartas, AGC, cf. M.R.THIAUCOURT, o.cit., 193.

59 Cit in: I. GONZALEZ-FAUS Ignacio, *Vicarios de Cristo*, Trotta, Valladolid, 1991, 283.

60 SALDANHA, Relatório ... 1908, AGC

61 Cf. *Ibidem.* Relatório ... 1861, AGC

62 SALDANHA, Relatório..., *Ibid.*

63 *Ibidem* Relatório..., 1872, AGC

64 *Ibidem* Relatório..., 1870, AGC

65 SALDANHA T. Relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres, 1905/6, in AGC

66 Cf. J. E. LIIMA VIDAL, *Teresa de Saldanha...*, *ibid.*, 181-182.

A sua vida e escritos revelam-nos um coração sensível, capaz de se comover com o que vê e ouve: “Pobres crianças! Que miséria! Que dó me faz olhar os rostos das raparigas da fábrica! Temos de salvar os filhos do nosso povo.”⁶⁷

A sua acção social, o amor pelos pobres são um corolário do seu amor a Cristo, da sua vivência do Evangelho.

4.5. Amor à pátria

Perante os desafios de liberdade, lançados pelos seus compatriotas, estas duas pessoas carismáticas demonstram que as Ordens e Congregações religiosas não são incompatíveis com a paixão da liberdade, mas um modo concreto de a viverem.

O desejo de fazerem algum bem nos respectivos países, levou-os a empreender a obra da restauração da Vida Religiosa Dominicana. A frase de Lacordaire: “Foi Deus que fez a pátria, foi ele que fez a Igreja; foi também Ele que fez o amor que Ele nos pede pelas duas”⁶⁸ é elucidativa. Ele acreditava na vocação cristã da França, aliada à ordem e à liberdade que só o catolicismo podem dar.⁶⁹ O grande amor à pátria é, deste modo, atestado: “Qualquer que seja o tratamento que me reserva a pátria, nunca me lamentarei. Espero nela até ao último suspiro”⁷⁰ Tem orgulho na sua pátria e, apesar das faltas que ela cometeu, considera uma glória o título de cidadão francês.⁷¹ É esse amor que revela em carta ao Mestre Geral, depois do noviciado em Itália:

“Nós pertencemos a França pelo nosso baptismo, pelas suas infelicidades e necessidades, pela nossa fé profunda nos seus destinos, pela nossa alma toda inteira; nós queremos viver e morrer como seus filhos. Vossa Paternidade compreende então com que ansiedade nós reflectimos diante de Deus nos meios de levantar as ruínas de S. Domingos no nosso País”⁷²

De modo semelhante, em Teresa de Saldanha o conhecimento dos opróbrios vividos pelo seu povo, levaram-na a uma atitude de grande compaixão, à urgência de intervir e de criar uma instituição que o protegesse. O seu grito, como o de S. Domingos era: “Temos de salvar os filhos do nosso povo.”⁷³ É isso que expressa:

“Conhecendo o triste e desolado estado do meu País, senti sempre um grande desejo de trabalhar aqui. Poder fazer algum bem ao meu povo e o segredo íntimo de realizar, com mais facilidade, um dia os ardentes desejos do meu coração, de me consagrar a Nosso Senhor, fizeram com que eu, depois de muitas orações e devoções, empreendesse a Obra da fundação das Terceiras Dominicanas, confiando em tudo e por tudo no auxílio da graça de Nosso Senhor.”⁷⁴

E noutra ocasião confessa:

67 SALDANHA, Relatório da A. P. M. P., 1898, AGC

68 VV.AA, *Cinquentenaire de Lacordaire*, Dijon, Roux-Marchet Ed, 1912, 55

69 *Ibidem*, 56

70 *Ibidem*, 57

71 Cf. *Ibidem*, 97

72 NOBLE H.D., *Un Centenaire 1837-1939*, Le P. Lacordaire ressuscite en France l'Ordre de S. Dominique, Paris, 1938, p. 72

73 SALDANHA, Relatórios A.P.M.P., AGC

74 SALDANHA, Notas pessoais, *ibid.*, 41.

“Se, por um lado, o lugar aonde eu possa ser chamada a trabalhar me é indiferente, porque Deus está em toda a parte, por outro lado, conhecendo o triste estado do meu pobre País, senti sempre um grande desejo de trabalhar aqui, onde tanto bem se pode fazer.”⁷⁵

Preocupava-a a situação do seu povo esmagado, definhado por trabalhos e doenças, crianças privadas dos seus direitos mais elementares, raparigas obrigadas a árduos trabalhos sem possibilidade de tomarem consciência dos seus direitos, mergulhadas na mais dura ignorância.

Em carta ao Bispo de Coimbra, Teresa de Saldanha revela esse amor:

“Não duvido empregar dos meus rendimentos o que for preciso sem pretender cá senão a consolação que naturalmente resulta do convencimento de que pratico uma obra útil à Religião que professo e amo, e ao país que me foi berço, e que desejo ver levantado no conceito entre as Nações verdadeiramente cultas e livres.”⁷⁶

Insistiu numa fundação portuguesa ao serviço dos pobres, por acreditar que era preciso ressuscitar no país as testemunhas do amor misericordioso. O seu amor à pátria, contudo, não a fechou a pedir colaboração noutros países, nem a impediu de, com agrado, ver o colorido de várias culturas entre as suas Irmãs.

Ela pretende contribuir para a transformação de Portugal e da Igreja, com um projecto de vida religiosa dominicana.

4.6. Amor à juventude

No século dezanove o conceito de juventude é uma novidade. Contudo, tanto Lacordaire como Teresa compreenderam que para construir sociedades livres e diferentes era preciso investir junto das camadas novas, transmitir-lhe valores, através da educação e da evangelização.

É de Lacordaire esta frase admirável: “A juventude é sagrada... o bem que lhe fazemos é dos que mais toca o coração de Deus, porque Deus é eternamente jovem”⁷⁷ Esse grande amor foi o ponto de partida de um incomparável apostolado e de um método educativo. Ao decidir abrir escolas livres e com a instrução gratuita, fê-lo por amor à juventude e em nome da liberdade que tanto defendia. A originalidade do seu método pedagógico deixou marcas nas **escolas** que fundou em **Oullins e Sorèze**⁷⁸ Lacordaire tornou-se o intrépido campeão desta ideia da educação completa e, por consequência, livre, pois quem tinha esse monopólio não exercia influência na alma e muito pouco no coração. Iniciou o grande processo da liberdade de ensino pela Escola livre.⁷⁹

De igual modo, Teresa investiu nas camadas jovens da sociedade, na instrução das filhas do povo com o objectivo da dignificação da pessoa por meio de uma adequada educação e formação.

75 SALDANHA, Notas pessoais, AGC., cf. M. R. THIAUCOURT, o. cit., 116.

76 *Ibidem*

77 VVAA, *Cinquantenaire de Lacordaire*, Dijon 1912, 29

78 Cf. CHOCARNE, *Le R.P. Henri Dominique Lacordaire*, Tome II, p. 253

79 Cf. CHOCARNE, *Le R.P. Henri Dominique Lacordaire*, Tome II, p. 256

Iniciou essa acção com as jovens na Associação Protectora de Meninas Pobres, mais tarde, com jovens – rapazes e raparigas – operários nas fábricas de Lisboa e nas escolas que criou por todo o país. Independentemente da classe social, ela pretendia “educar e formar o coração” contribuir para a moralização dos costumes atingindo as famílias e a sociedade.⁸⁰

Teresa ensaiou um método pedagógico baseado nos valores, na dignidade e na liberdade da pessoa humana, centrado no amor. É isso que revela nos relatórios da APMP: “Na grande obra da regeneração da mocidade nada há mais importante do que a educação, e da educação dos filhos do povo depende, às vezes, o destino das nações! Educar é formar o espírito, o coração e a inteligência... Trabalhamos para formar-lhes o espírito com bons conselhos, inspirando-lhes o amor do trabalho e do cumprimento dos seus deveres.”⁸¹

Ambos se revelaram grandes pedagogos, mestres da juventude a quem educaram, aliando a autoridade com a amizade: “A amizade é o mais perfeito sentimento do homem porque é o mais livre, o mais puro e o mais profundo.”⁸² escreve Lacordaire.

Nas suas escolas reinava o espírito familiar, simples, baseado em valores como a verdade e a liberdade, sempre num clima de trabalho e de disciplina. Ambos se tornaram uma referência e uma presença constante entre os alunos. A sua influência fazia-se sentir em tudo, tanto nos menores detalhes, como nas circunstâncias solenes.⁸³

Teresa de Saldanha, em carta dirigida ao Rei de Portugal, explica o alcance da sua acção educativa na moralização do Estado:

“Uma Associação que tem por fim fornecer às crianças pobres, que frequentam os colégios externos gratuitos, os meios de poderem aproveitar dos seus estudos, não é por certo, nociva ao bem estar do Estado, antes contribui para a sua moralização. A Associação propõe-se proteger o ensino daquelas que, hoje meninas, amanhã, porventura, mães de família, deverão ser as primeiras a inocular nas futuras gerações, princípios, que na sociedade antiga se resumiam na coragem cívica, e que na sociedade católica se conservam na prática dos deveres morais e religiosos.”⁸⁴

Visa a sua formação integral e, através desta, de toda a sociedade, visto que: “a criança é o género humano, é a humanidade inteira, é o homem.”⁸⁵

Ambos acreditaram que da educação da juventude se faria a *regeneração* da sociedade e muito contribuíram para isso.

Conclusão

Lacordaire e Teresa de Saldanha marcaram a História do século XIX pela sua causa comum: a demonstração prática de que a liberdade não só é compatível, mas é inerente à fé cristã. Ensaíram e testemunharam a Verdade libertadora, Jesus Cristo, e apresentaram-no como Aquele que traz à pessoa a liberdade baseada na verdade. Compreenderam que a liberdade é intrínseca à

80 SALDANHA T, Carta a D. Manuel Bastos Pina, 20.9.1891, AGC

81 SALDANHA Teresa, Relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres, 1877, AGC

82 Cf. VVAA, *Cinquentenaire de Lacordaire*, Dijon 1912, 53

83 *Ibidem*, 269

84 SALDANHA, Cartas, AGC

85 *Ibid.* Relatório da APMP., 1908, AGC

verdade e que na Igreja tem de existir esse espaço de liberdade, condição e base da verdadeira dignidade da pessoa humana.

Sendo pessoas muito inteligentes e intervenientes amaram e compreenderam o seu tempo e nele deixaram a marca do Evangelho: “A Verdade vos libertará” e, para melhor servirem essa causa, restauraram a Ordem Dominicana, cujo lema é *Veritas*

Lacordaire e Teresa de Saldanha entenderam que a toda pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, é dotado de inteligência e vontade livre e, enquanto tal, deve gozar dos direitos humanos fundamentais. Entregaram, pois, a vida, os bens e os talentos na sua defesa e promoção. A existência de ambos foi tecida com gestos concretos de amor àqueles que mais se identificam com Deus, a juventude e os pobres. Por eles trabalharam arduamente em prol da liberdade como caminho indispensável na construção da nova sociedade.

Irmã Rita Maria Nicolau OP

Bibliografia

CHOCARNE, Le R. P.H.D. *Lacordaire, sa vie intime et religieuse*, septième Édition, Tome I, Tome II, Librairie Poussiélgue Frères, Rue Cassette, 15, Paris, 1886

ESCHOLER Marc, *Lacordaire ou Dieu et la liberté*, Le livre de poche chrétien, dirigé par Daniel-Rops de l'Académie française, Ed. Fleurus, Paris, 1958

Henri-Dominique Lacordaire La liberté de la parole évangélique, Écrits, Conférences, Lettres, Textes choisis et présentés par DUVAL André et JOSSUA Jean-Pierre, Sagesses Chrétiennes, Cerf, Paris 1996

GELLON V., *Le P. Lacordaire dans l'intimité du monastère*, P. Lethielleux 10, Rue Cassette, Paris 1939.

MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação da Ordem das Terceiras de S. Domingos em Portugal, Lisboa 2ª Ed., 1987.*

MATTOSO José, *História de Portugal – O Liberalismo*, Ed. Estampa

NOBLE H.D.,OP, *Un Centenaire 1839-1939 Le P. Lacordaire ressuscite en France l'Ordre de S. Dominique*, P. Lethielleux, Libraire-Éditeur, Paris, 1938

NICOLAU, Rita Maria do Nascimento, *Teresa de Saldanha, uma vivência cristã no feminino*, UCP, Coleção Nova Spes, Lisboa 1995.

SALDANHA Teresa, *Escritos: Cartas, Relatórios...* Arquivo Geral da Congregação, Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, Largo de São Domingos de Benfica, 14, Lisboa.

THIAUCOURT, M. M Rosa, *Madre Teresa de Saldanha, Vida e Obra*, Lisboa, 1987.

TURIN, Yvonne, *Femmes et religieuses au XIX^{ème} siècle, le féminisme 'en religion'*, Nouvelle Cité, Paris 1989.

VÁRIOS, *Cinquantenaire de Lacordaire 1861-1911 Conférences faites a Dijon*, Roux-Marchet & C. Éditeurs, 1912

VIDAL, J.E. Lima, *Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas*, Tip. Sem. das Missões, Cucujães 1938.

ZELLER Renée, *Les Congrégations Dominicaines du Tiers Ordre Régulier*, Letourzey et Anné Edit, Paris 1924

Isabel Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos - Nascimento 12.06.1812

Governo absolutista de D. Miguel – 1820-1828
Casou em 1835

Morreu 24.04.1872
Paris – 1822 ?
Lacordaire 1802-1861
1ª conferência – 1835
Entra na Ordem em 1839

12. Abril de 1840 – faz a Profissão Religiosa

15 de Maio de 1840 – Lacordaire estabelece-se em S^a Sabina com Requédát e os jovens que se associavam à obra: O P. Jandel, Besson, Hershheim e um polaco.

2 de Setembro morre o P. Requédát “A morte nos dá a consagração e ela escolheu entre nós a alma mais bem preparada e a mais digna de subir até Deus.” (p. 81)

24 de Dezembro de 1840 – chega a Paris

9 de Abril de 1839, (Teresa tinha dois anos) Lacordaire toma hábito e escreve a Madame Swetchine: “.. e efusão à nossa volta de uma fraternidade admirável

Teresa envia as primeira vocacionada para a Irlanda em 1866 (Lacordaire tinha morrido há cinco anos)

29 d.10.1900 –Lacordaire

9 de Abril de 1839 restaurou a Ordem Dominicana em França

1852 – fundou a Ordem Regular para educação da juventude

Para o restabelecimento das Ordens em França

1. Dirige-se ao País *Mon Pays* e exprime a sua liberdade... Cristo é o libertador do mundo.

2. A legitimidade das Ordens Religiosas -

Mattoso pg. 224/225

A existência das Ordens Religiosas não se combina com as máximas de uma sã política, e é destrutiva dos fundamentos da prosperidade pública. A força de uma Nação depende da sua população; a população dos casamentos; o maior número de casamentos, do maior número de proprietários; as Ordens Religiosas são duplicadamente prejudiciais à população: como celibatários, deixam grande vazio nas gerações; como corpos de mão morta, absorvendo enormes propriedades que não se tornam mais a alienar, fazem com que o número considerável de indivíduos não possam ter um palmo de terra, e por conseguinte se condene também a um celibato necessário; subdividindo-se, e mobilizando-se esses enormes fundos territoriais que resultará? ... É força extinguir as Ordens Regulares, e dar destino aos bens que possuem” (Crónica Constitucional de Lisboa, nº 127, de 31 de Maio de 1834)

Nos meados do séc. XIX divulgaram-se impressos de cariz anti-religioso e anticlerical Textos de Lamennais (amigo de Lacordaire) eram conhecidos.

Havia um clima anti-clerical, mas não anti-cristão. A ameaça das ordens religiosas (Irmãs da Caridade, Jesuítas, Lazaristas) pairava como fonte de “obscurantismo” e conseqüente revivescência do absolutismo.

O Estado monárquico-liberal consagrava o catolicismo como religião oficial e reconhecia os direitos e garantias do cidadão. Contraditoriamente, não se respeitavam a liberdade de consciência nem a liberdade religiosa.

Pg. 234 O movimento católico liberal em França procurou harmonizar-se com o novo regime e as suas potencialidades de ordem social. É isso que sucede com Lamennais, Lacordaire... recebeu as críticas de Gregório XVI e de Pio IX. Alguns católicos liberais lançaram-se para a assistência social.

Em Portugal este movimento será antiliberalista e depois anti-socialista... só na década 90 é que se dá uma volta ao surgirem os primeiros círculos de operários católicos.

Pg. 263

...Os católicos constitucionais ou católicos puros como se apelidavam, por entenderem que, embora se integrassem na ordem constitucional, o que queriam defender era tão-só o catolicismo, o qual supunha originariamente certos princípios “liberais” haveriam de fazer uma distinção formal entre “liberal” e “liberalista”.

A posição destes “católicos liberais” procurava, todavia, distinguir ‘liberal’ de ‘liberalista’, pretendendo com isto opor-se ao que considerava o “liberalismo como sistema”, que criara à Igreja limitações e subordinações ao Estado consideradas contrárias à sua autonomia e aos seus direitos tradicionais [...] Pode-se ser liberal e católico sem contradição nem confusão de ideias: deve ser liberal o que for sinceramente católico, porque os princípios de liberdade, de igualdade e de fraternidade não foi a escola revolucionária que os criou, mas o cristianismo.

É essencial ao católico que seja liberal, que reconheça o princípio da igualdade e que pela fraternidade se coloque ao serviço da grande causa da humanidade.

p. 75

Teresa colhe informações, por escrito, das recentes Congregações Dominicanas, sobretudo de França e Inglaterra. Contacta, em França, com as Irmãs Dominicanas de Cette e Nancy. Esta última foi fundada por Mère St. Rosa, em

Maio de 1853, sob o impulso do Padre Lacordaire, que desejava uma Congregação Dominicana feminina dedicada ao ensino.⁸⁶

⁸⁶ Cf. R. ZELLER, *Les Congrégations Dominicaines du Tiers Ordre Régulier*, Letourzey et Année, Paris 1924, 67.